



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### ÉTICA E PRÁTICA PEDAGÓGICA

Wanessa Cristina Santos Prado\*  
(UESB)

Thalita Teixeira Suzart\*\*  
(UESB)

Weridiane Dias Barbosa\*\*\*  
(UESB)

#### RESUMO

Essa reflexão faz-se necessária à prática de qualquer educador: A ética tem contribuído para a formação prática do indivíduo? Por isso, constitui o problema discutido por esse artigo. Objetiva compreender o sentido da ética no cenário educacional e, ainda, pontuar a importância de assumir o compromisso de agente ético do ato educativo, tanto do educador como do educando. Para desvelar essa problemática, considera-se a dissociação e perda de sentido dos termos *ética* e *educação* e, em consequência disso, excessiva ênfase na produção do conhecimento, perda da valorização do humano e esvaziamento do verdadeiro papel do profissional de educação, que seria significar, dar sentido ao ato educativo pautado na ética como indispensável na atitude do educador.

**PALAVRAS-CHAVE:** Ética; Formação; Prática educativa.

---

\*Professora substituta da UESB, especialista em Filosofia da religião. Colaboradora da pesquisa Ética e política no pensamento de Kierkegaard. E-mail: cristinawanessa@hotmail.com.

\*\*Aluna do VI Semestre de Pedagogia da UESB, bolsista da UESB na pesquisa Ética e política no pensamento de Kierkegaard. E-mail: thalisuzart@hotmail.com.

\*\*\*Aluna do VI Semestre de Pedagogia da UESB, bolsista pela FAPESB na pesquisa Ética e política no pensamento de Kierkegaard. E-mail: weri.9@hotmail.com.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### INTRODUÇÃO

A finalidade de pensar essa temática não é apresentar uma possível solução ou direção para seguir diante dos eminentes desafios da educação, nem tampouco salvaguardar a ética de sua importância no cenário educacional. Com isso, partindo da indagação: A ética tem contribuído para a formação prática do indivíduo? – pretende-se discutir o tema para entender como se deu a formação do indivíduo na Antiguidade a fim de compreender as lacunas presentes na atualidade, e mais: provocar dúvidas, desequilibrar, para que o educador saia da posição confortável de “sabedor” e se coloque diante do educando também como aprendiz que é.

A problemática aqui proposta é olhar não só o indivíduo em formação, mas a formação do indivíduo formador, visto que sua prática não é senão o conjunto das ações referentes à construção ético-político-educacional do indivíduo. Para tanto, discutiremos a partir da contribuição de dois pensadores: Aristóteles na Antiguidade e Kierkegaard na contemporaneidade. Ambos se preocuparam com a construção do humano, entendendo que, mesmo nascendo com essa potencialidade, é na ação que ele se realiza e se faz humano em todos os sentidos. Apesar do “aparente” distanciamento entre correntes teóricas – visto que o primeiro é essencialista e o segundo existencialista, mas trata-se aqui de destacar suas aproximações - e, a centralidade aqui é que não basta compreender, refletir, mas exercitar as atitudes e essa foi a preocupação de ambos.

E por que essa busca pelo sentido do humano é descrita aqui? Porque se entende que a preocupação com o educador se dá na sua elaboração enquanto se torna humano. E mais: num processo coletivo, sentido que perscrutaremos no decorrer do trabalho. O trabalho docente, visto como uma ação educativa, “é uma



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

prática social que atua na configuração da existência humana individual e grupal, para realizar nos sujeitos humanos as características de ‘ser humano’” (LIBÂNEO, 1998, p.22), além de ser uma atividade que compromete o professor a se colocar à disposição do Outro (KUIAVA; PAVIANI, 2005).

Mas, antes de adentrar propriamente no tema, é preciso delinear alguns aspectos que irão compor esse caminho.

### **Aspectos introdutórios sobre a ética**

Primeiramente, para melhor entender essa questão, faz-se necessário um entendimento sobre a polêmica gerada pela etimologia dos termos *Ética* e *Moral*. Vulgarmente são tratados como sendo sinônimos, mas é necessário explicitar a causa dessa afirmação. Ambas estão relacionadas ao mesmo objeto *costume*. A palavra *costume* deriva do grego *ethos* (donde “ética”) e do latim *mores* (donde “moral”): “referem-se ao conjunto de costumes tradicionais de uma sociedade (...) considerados valores e obrigações para a conduta de seus membros” (VAZ, 2002, pág. 13).

Há, porém, na língua grega duas grafias diferentes para *ethos*. Quando grafado com *eta* inicial (que equivale ao *e* na língua portuguesa), significa costume relacionado à conduta coletiva. Por outro lado, quando grafado com *epsilon* (também equivalendo ao nosso *e*), refere-se ao comportamento individual. Na Antiguidade, com Aristóteles, a ética estava relacionada à *práxis*, em que agente, ação e finalidade andavam juntos. Portanto, o agir ético implicava numa ação social (*zoon politikon*).



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

### **Entendo o sentido de formação e sua origem histórica**

A segunda questão a ser esclarecida é o termo formação. Para tanto, é relevante entender a *Paidéia*. Esta é constituída de uma série de implicações na formação do homem helênico que se torna difícil definir seu significado etimológico (JAEGER, 1994, p. 3). Portanto, entender seu contexto é a forma encontrada de clarificar seu conteúdo. Abbagnano a descreve como “a formação da pessoa humana individual” (ABBAGNANO, 1998, p.225). No entanto, aprofundando o tema, há de se observar que essa tentativa de definição não revela todas as significações que o termo traz, visto que os ranços de um olhar moderno impossibilitam vislumbrar toda implicação imbricada do contexto helênico.

Essa preocupação em investigar o universo descrito anteriormente se justifica ao perceber que a ausência de uma consciência ética, ou melhor, de ações condizentes com esse princípio, é cada vez mais comum no cotidiano do indivíduo. Um exemplo disso são aqueles que estão inseridos num processo de aprendizagem acadêmico e que, pressupondo sua disposição em perseguir um estudo sistematizado, não o fazem. Busca-se uma formação muito mais epistemológica do que prática, quando, na verdade, são necessárias ao educador, além das competências científicas e tecnológicas, aquelas relativas às virtudes, que refletem no relacionamento com as pessoas. É essa prática, alicerçada nos valores éticos, que contribuirá profundamente com a formação de sujeitos mais humanos.

Isso pode ser visivelmente percebido nos cursos de licenciaturas da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (UESB), em Vitória da Conquista, em que os alunos estão muitas vezes preocupados com outras questões epistemológicas do que com sua própria formação e, em decorrência disso, estão longe de representar aquilo que é imprescindível na constituição ideal de pessoa, que é sua formação ética.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Será que isso decorre da emergência do mundo moderno ou se perdeu “objetivamente” o sentido de formação que vai originar tanto o indivíduo “educado”<sup>651</sup> quanto o ético?

Na Grécia Antiga, a educação não tinha uma função castradora, adestradora, mas constituía a formação do espírito do indivíduo em sentido mais profundo. Portanto, formar-se para a vida significava uma construção individual que se estendesse ao coletivo. Com isso, a constituição desse “espírito profundo” implicava não só a constituição de seu “eu” intrépido, guerreiro, forte, inteligente, como também político, cívico e ético. “Na Grécia era tão inconcebível um espírito alheio ao Estado como um Estado alheio ao espírito” (JAEGER, 1994 p. 17). Daí a afirmação de que o homem grego é essencialmente político.

Essa consciência da relevância de sua formação não se encontra presente habitualmente no sujeito moderno. Daí a importância de uma investigação mais acurada a fim de levantar os motivos e, com isso, repensar as práticas cotidianas na formação acadêmica.

Os gregos entendiam a formação como fundamento para a construção do indivíduo consciente em sua totalidade, pois a história demonstra, indiscutivelmente, como isso se manifestou em vários ramos da vida do indivíduo helênico:

A posição específica do helenismo na história da educação humana depende da mesma particularidade da sua organização íntima – a aspiração a forma que domina todos os empreendimentos artísticos como todas as coisas da vida – e, além disso, do seu sentido filosófico universal, da percepção das leis profundas que governam a natureza humana e das quais derivam as normas que regem a vida individual e a estrutura da sociedade. (JAEGER, 1994 p. 13).

---

651 Tomado no sentido de formação.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Não será necessário um resgate dessa conduta, em que o sujeito seja pensado em seu conjunto e sua prática seja uma atitude mais consciente?

A história helênica explicita que desde as suas narrações míticas, a exemplo de Homero, já havia a preocupação com o *logos* tomado aqui no seu sentido racional, melhor dizendo, numa tentativa de separar o divino da razão. Com isso, o ideal de formação é a totalidade do humano, mas que todas essas qualidades – forte, corajoso, cortês – exprimissem o sentido do *logos*. Portanto, a finalidade é unir palavras e ações.

Isso só é possível pelo cultivo da *areté* que foi tomada em vários sentidos, mas aqui será usada como *virtude*. Um conceito que implicava, em alguns momentos, um ideal de refinamento como era o *gentleman* para os ingleses, mas aqui será tomado no sentido de conduta ética. Trata-se de um valor na constituição do espírito. Esse pensamento é muito defendido pelos clássicos da filosofia grega que não separam ação e prática.

### **Olhar aristotélico**

Aristóteles não foi o primeiro a preocupar-se com a questão da ética, mas, sem dúvida, a elaboração de sua teoria contribuiu significativamente para discussões posteriores, inclusive no pensamento de Kant. O estagirita divide a ciência em três: a *teorética* – busca o saber em si mesmo; *prática* – busca o saber para, por meio dele, alcançar a excelência moral; e *poiética* – ciências produtivas – buscam o saber em função do fazer. Segundo Vergnières (1998, p.83), ele procura conciliar as exigências legítimas e divergentes do costume, da lei e da palavra e chega, assim, a organizar, de modo original, as relações entre pedagogia, moral e a política. Por tudo isso, o projeto da ética aristotélica é, talvez, o mais marcante.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

Portanto, ética e política compõem o universo das ciências práticas; discutiremos a primeira. Assim sendo, a ética está pautada no estudo sobre a realidade prática do agir humano (individual) no qual este busca se aperfeiçoar, objetivando a felicidade. Isso significa que a ética não é imanente, mas adquirida com a experiência, não consiste apenas em viver, isso os animais também o fazem, mas “aperfeiçoar-se como homem” (REALE, 1991, p. 203), viver em conformidade com a razão. Pois, toda ação humana visa à felicidade ou ao bem, através do exercício diário denominado virtude. Mas o homem virtuoso é aquele que age em conformidade com a razão. Segundo Vergnières, “a virtude ética só é completa se for acompanhada por uma capacidade intelectual de deliberar bem” (1998, p.104). Vejamos como isso ocorre.

Os seres animados se diferenciam das coisas porque têm vida; o princípio da vida é a alma. Essa é dual, sendo que a primeira é totalmente privada de razão e a segunda é racional; o ser humano vive um eterno conflito e a virtude nada mais é do que o domínio dessa parte apetitiva sobre os ditames da razão. Assim como o homem possui vários impulsos e tende a segui-los, são várias também as virtudes. Com isso, o caminho do meio, também chamado de virtude, consiste na mediania entre o excesso e a falta. Pois, como afirmava Aristóteles (2007, p.75) errar é possível de várias maneiras, de modo que agir retamente é possível de um só modo. Por esses motivos, portanto, o excesso e falta são próprios do vício, enquanto a *mediania* é própria da virtude.

Vinculado à escolha, o ato de deliberar em Aristóteles é de suma importância, pois,

Quando queremos alcançar determinados fins, nós estabelecemos, através da ‘deliberação’, quais e quantos são os meios que colocaremos em ação para chegar àqueles fins, dos mais remotos aos mais próximos. A ‘escolha’ opera sobre os últimos, transformando-os



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

em ato. Assim, para Aristóteles, a 'escolha' diz respeito apenas aos 'meios', não são fins; portanto nos torna responsáveis, mas não necessariamente bons (ou maus) (REALE, 1991, p. 207).

Com isso, o indivíduo deve não só escolher bem seus atos, mas certificar-se de que esses visem ao Bem. Portanto, não basta conhecer, faz-se necessário exercitar. E a virtude se adquire pela repetição do ato, o *habitus*.

Assim, o objetivo dessa digressão sobre ética aristotélica é provocar uma reflexão das relações estabelecidas entre educador e educando. O que se quer precisar aqui é que o agir humano acontece no processo de construção, seja ele enquanto formador ou ainda em formação. E que essa atitude requer do educador uma atitude profícua, visto que, para Aristóteles, conforme Vergnières, o adulto age a partir do seu caráter, enquanto que o educando age para a construção deste (1998, p.106).

Com isso, o papel do formador é, sem dúvida, mais exaustivo e cuidadoso, pois cabe a ele, também, estimular um agir pautado na ética, indicando uma atitude de abertura – de se pôr como aprendiz – essa é a postura do educador. Ora, isso quer dizer que a “educação não se reduz a meros ensinamentos ou transmissão de conhecimentos. Consiste, antes sim, no cultivo da inteligência e na formação moral no mais amplo sentido que essas expressões possuem” (NAVAL *apud* FANTINEL, 2005 p. 212). Fantinel diz ainda que “ninguém é protagonista o tempo todo”. Isso é visivelmente exemplificado entre os *peripatetikoi* que educavam caminhando com seus discípulos.

É necessário pensar no processo educativo em que a preocupação primeira não seja apenas a elaboração de conhecimento, mas a construção pessoal que possibilite ao educando condições de uma reflexão autônoma, um agir ético, um construir de sentidos. Sendo assim, o autor do ato pedagógico é o educando que pode



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

escolher a partir de sua própria deliberação; é isso que é exaustivamente pontuado por Aristóteles: a ação é sempre boa quando resultante de uma boa deliberação (2007, p. 97). Dentro dessa perspectiva, o educando deixa de ser expectador e torna-se partícipe do ato educativo.

Com esse cenário, os construtores envolvidos na elaboração da educação devem ter em mente que o homem não vive no estágio de natureza – essa já é dada – mas é formado pela educação. Mas, isso é possível?

O homem como possuidor de *logos* é responsável pelos seus atos, “mas não é da mesma maneira que as ações e o *habitus* são de pleno consentimento: nós somos senhores de nossos atos, do princípio ao fim, mas do nosso *habitus*, só somos senhores do princípio” (VERGNIÈRES, 1998, p. 106). Aí está a originalidade de Aristóteles: segundo ele, o *habitus* possibilita encontrar normas racionais para ação e através do hábito as normas exteriores são internalizadas. Até porque a formação do sujeito perpassa por uma relação educador/educando para se constituir. Como afirma Severino,

a prática humana se dá, no entanto, mediante um processo complexo, constituindo-se por múltiplos aspectos e incorporando especificidades que distinguem das ações dos outros seres e das outras esferas do ser. Por isso, ela se torna eminentemente *práxis*, entendida essa como aquela prática mediante a qual, ao intervir na natureza, na sociedade e na cultura, o homem transforma a si mesmo, vai se construindo. Desse modo, *práxis* não deve ser vista como uma atividade puramente técnica contraposta à teoria, mas como determinação da existência humana como elaboração da realidade. (SEVERINO, 2005, p. 30).

Pois, Aristóteles propõe o hábito para formar o caráter do indivíduo, visa um desenvolver-se, não uma mera repetição mecânica, mas um cultivo de uma disposição



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

que ele considera durável. Nestas condições o caráter educado é fruto da combinação entre natureza e *paidéia*.

### **A profunda discussão Kierkegaardiana**

A seguir, entenderemos melhor o caminho percorrido por Kierkegaard e sua preocupação em provocar reflexões tão profundas e incisivas diante dessa problemática que despertou inquietações e estudos em Aristóteles e que continua desafiando uma ação efetiva.

A discussão acerca da construção ético-político-educacional do indivíduo na contemporaneidade será baseada em Kierkegaard, como já foi anteriormente mencionado. Esse filósofo dinamarquês é um dos principais representantes da filosofia da existência, defendendo que o sujeito deve construir em primeira pessoa sua própria existência, edificando-se a si mesmo.

Já que a abordagem será realizada sob a perspectiva existencialista, é importante, nesse momento, compreender os aspectos gerais dessa corrente filosófica. O existencialismo se desenvolveu no período entre guerras, consolidando-se após a Segunda Guerra Mundial e, em decorrência disso, suas maiores reflexões giraram em torno do devastador contexto social da época. Nesse âmbito, a filosofia da existência caracteriza-se, essencialmente, pela discussão contínua do ser humano que vive imerso em constantes situações problemáticas. “É precisamente pelo homem, o homem em sua singularidade, que o existencialismo se interessa” (REALE, 1991, p. 593).

Tendo em vista que o existencialismo trabalha com “a questão da liberdade e da autenticidade como elementos centrais da existência humana” (MARCONDES, 1998, p.260), ele apresenta uma dimensão ética fundamental e imprescindível para o



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

desenvolvimento do presente estudo. Dentre os representantes dessa corrente, destaca-se Kierkegaard por valorizar “uma reflexão a partir da experiência humana concreta, da discussão de questões morais [...] atribuindo à filosofia o dever de ter conseqüências práticas, isto é, nos ensinar algo sobre nossas próprias vidas” (MARCONDES, 1998, p. 259).

Segundo Kierkegaard (*apud* ALMEIDA, 2007), a sociedade contemporânea caracteriza-se por um processo de coisificação, que inviabiliza a possibilidade de estabelecer relações afetivas, humanas e gratuitas entre as pessoas. O sistema capitalista, fruto de uma política neoliberal, fragmenta e manipula os indivíduos que passam a viver na inautenticidade, escravos da sociedade de consumo. Diante desse contexto, é indiscutível a urgência da construção da identidade própria e da individualidade.

Perante essa ordem – da sociedade sem caráter – pode-se dizer que a maior urgência da contemporaneidade é uma educação ética, na qual o foco seja não só a edificação do educando que se faz presente no processo, mas também a do educador. Segundo Kierkegaard (1995), só através da síntese entre ética e educação os indivíduos serão aptos a edificar-se a si mesmo. As pessoas que não sabem o que é existir na condição de seres humanos só serão superadas a partir da transformação do eu em mim mesmo, a partir da construção da dignidade humana, da consciência e do domínio de si. É a educação calcada na ética que dará condições para o homem dominar seus instintos, suas vontades, suas inclinações e tomar consciência da necessidade da promoção do outro.

Reconhecendo que o papel da educação é muito mais humanizar do que instrumentalizar, para o filósofo dinamarquês o mestre apresenta as condições para que o aprendiz desenvolva sua existência de forma consciente e autêntica, ou seja, “o mestre é a ocasião” para que o discípulo se lembre que tem a verdade dentro dele e



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

este só se dá conta disso quando toma consciência de si. Contudo, a construção dessa existência não depende do mestre, apesar dele apresentar a condição para isso, tem que partir do discípulo (KIERKEGAARD, 1995 p. 35). E é no interior deste, através da educação da interioridade, que é possível a superação de sentimentos egoístas, comportamentos individualistas e a construção autêntica de sua existência.

Mas como o mestre pode ser aquela “ocasião”<sup>652</sup> como citado? Segundo o pensador dinamarquês, que relaciona a doutrina religiosa com a reflexão filosófica (VALLS, 2006), o Mestre Divino veio sob a forma de servo, mostrando através de si mesmo e de suas ações os ensinamentos de sua doutrina. Ele igualou-se ao servo e traduziu-se em verdade para que fosse compreendido. A ocasião pode ser o instante em que o mestre, fazendo-se discípulo e mostrando suas concepções através de sua prática, pode contribuir de maneira negativa ou positiva na formação do sujeito. Compreende-se, dessa forma, que a relação entre educador e educando tem que ser recíproca, pois é através de outrem que crescemos e nos edificamos, e não através do monopólio da verdade e do conhecimento que nega a experiência e comunicação do outro.

O mestre, sendo consciente de seu papel enquanto educador que educa para a vida com o intuito de formar homens construtores de sua própria existência para que de fato esses se constituam como seres humanos<sup>653</sup>, irá perceber a face do outro (aprendiz) e sua responsabilidade para com a condição dele (como o caso do Mestre Divino que se importa com o servo e se responsabiliza por ele), pois lhe atribuiu um significado. Tem-se aí a ética da alteridade, do outro, que respeita o diferente, existindo uma relação empática. Surgirá, então, uma preocupação de contribuir na

---

652O mestre é a ocasião quando ele proporciona as condições para que o discípulo se desenvolva.

653 Neste sentido, queremos dizer que a educação também tem o papel de humanizar.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

formação de um sujeito humano e livre<sup>654</sup>. Mas essa contribuição não se dá apenas no discurso, ela é possível através da ação, nesse caso, da ação ética. O que queremos dizer aqui é que a conduta do professor também tem conseqüências no ensino. Em concordância com Paviani (2005, p. 137), ousa-se dizer:

[...] continuamos ensinando normas e preceitos em vez de práticas. Não nos damos conta de que não bastam palavras de exemplo e de estímulo. Nosso próprio agir como professores, as decisões tomadas diante de casos concretos, o funcionamento da escola como um todo, os procedimentos didáticos têm eficácia na produção de comportamentos éticos. Entre mostrar e dizer como se deve proceder e o exemplo concreto do próprio agir não pode haver contradição sob pena de falsificar o que se pretende ensinar.

Acerca da idéia de que “a formação e desenvolvimento de convicções [...] são decisões autônomas da pessoa, não sendo, a rigor, ensinadas, mas engendradas no seio das condições e modos do processo de ensino” (PLACCO, 1994, p.29), o educador não pode ser simplesmente prático ou simplesmente teórico. Reafirma-se que deve haver uma ligação contínua entre ambos os aspectos, pois é esta coerência entre a teoria e a prática que viabiliza a produção pedagógica ética. Conforme Houssaye (*apud* LIBÂNEO, 1998, p.27) somente será considerado educador “aquele que fará surgir um ‘mais’ na e pela articulação teoria-prática na educação”.

É preciso considerar ainda que essa coerência entre discurso e conduta é uma questão privada de escolha e consciência, que acarreta um compromisso e uma responsabilidade com os indivíduos. Essa responsabilidade, advinda da liberdade do homem, é exatamente o eixo central da reflexão ética. Por isso é que a educação em Kierkegaard é pensada como um meio para superar a crise existencial provocada pela ordem estabelecida (ALMEIDA, 2007).

---

<sup>654</sup>Para Kierkegaard, a liberdade consiste na opção voluntária de escolher o bem, ciente da possibilidade de optar pelo mal. (VALLS, 2006).



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

A educação alicerçada na ética, sinônimo de construção de caráter e de personalidade única, só se concretizará pela reduplicação de bons comportamentos, pela coerência entre o que se fala e o que se faz. Assim, entende-se que se a prática e conduta do educador não forem reflexos de seu discurso poderá ser dito que não existe ética no processo educativo e conseqüentemente ocorrerá “a falência do que constitui a pessoa humana e o Bem Comum” (ALMEIDA, 2007, p. 42).

A práxis sempre foi longamente estudada e a filosofia antiga teve através de vários pensadores clássicos seus fundamentos discutidos, mas é Aristóteles que reúne e diverge em muitos desses pensamentos, propondo uma análise indissociável entre ética e política. Portanto, sua filosofia foi sempre defender que a construção de uma práxis era pautada na busca incessante da realização do indivíduo. Porém, essa elaboração pessoal significava uma ação voltada ao bem comum efetivada no seio da *polis* (donde política).

Com isso, a prática educativa, visando à elaboração das várias dimensões do sujeito e que foi muito bem trabalhada na Antiguidade por Aristóteles, tem sua continuidade na filosofia da existência, através do filósofo Kierkegaard que pensa a práxis na educação como meio para formar o sujeito ético e autônomo, pois a intenção do autor dinamarquês “é fazer com que o indivíduo construa intensa e autenticamente a sua existência [...]” (ALMEIDA, 2007, p.45).

É preciso que os docentes passem pela vida fazendo a diferença, não só formando alunos para o mercado de trabalho, mas que ensinem, com essa *práxis*, para a vida, para o respeito ao outro. Não se está aqui querendo apresentar um discurso romântico e utópico, mas mostrar que “educar é sinônimo de construção de caráter e de personalidade única. Educar é a palavra-chave para quem pretende agir eticamente” (ALMEIDA, 2007, p. 52). Assim, ratificamos o que a relevância de uma prática refletida, comprometida com a alteridade, influencia na formação de um



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

sujeito ético que se preocupa com o próximo e com o respeito ao diferente, quebrando, assim, paradigmas preconceituosos estabelecidos por um sistema excludente.

### CONCLUSÕES

A vida ética passa por um processo complexo de construção que tem na educação e na política suas aliadas. É por isso, que a prática pedagógica requer um inventário das atuais posturas para que haja uma ação inventiva para o ato educativo. Por isso, vimos na reflexão aristotélica uma preocupação da formação do caráter como princípio basilar na formação do educador. No que concerne a Kierkegaard, este não defende uma ética apenas teórica, mas manifesta na vida. Assim, o “educar” é um saber que se revela no agir, não no ensinar. Por fim, quer seja na defesa de Aristóteles ou no pensamento de Kierkegaard não há uma cisão entre o domínio da educação e o da ética. Logo, além de procurar alternativas que propiciem melhores condições ao bom profissional em educação, faz-se necessário reaprender a vê-lo como autor de sua própria formação.

### REFERÊNCIAS

- ABBAGNANO, Nicola. **Dicionário de filosofia**. São Paulo: Martins Fontes, 1998.  
ALMEIDA, Jorge M. de; VALLS, Álvaro L. M. **Kierkegaard**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2007.  
ARISTOTELES. **Ética a Nicômaco**. 2 ed. São Paulo: Edipro, 2007.



ISSN: 2175-5493

## VIII COLÓQUIO DO MUSEU PEDAGÓGICO

09 a 11 de setembro de 2009

---

- BICUDO, Maria A. Viggiani. **A formação do professor: um olhar fenomenológico.** In.: BICUDO, Maria A. Viggiani.(Org) **Formação de Professores? Da incerteza à compreensão.** São Paulo: Edusc, 2003. 160 p., (coleção Educar).
- \_\_\_\_\_. **Pesquisa qualitativa e pesquisa qualitativa segundo a abordagem fenomenológica.** BORBA, Marcelo de C.; ARAÚJO, J. L. **Pesquisa qualitativa em Educação Matemática.** 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2006.
- FANTINEL, Fernando. Ética e educação: Uma reflexão a partir de Aristóteles. In: KUIAVA, Evaldo A.; PAVIANI, Jaymi . **Educação, ética e epistemologia: I Congresso internacional: Filosofia, Educação e Cultura.** Caxias do Sul: EDUCS, 2005.
- JAEGER, Werner. **A formação do homem grego.** São Paulo: Martins Fontes, 1994.
- KIERKEGAARD, Soren. **Migalhas filosóficas.** Trad. Ernani Reichmann e Álvaro Valls. Petrópolis, RJ: Vozes, 1995.
- LIBÂNEO, José C. **Pedagogia e pedagogos, para quê?** São Paulo: Cortez, 1998.
- MARCONDES, Danilo. **Iniciação à filosofia.** Dos pré-socráticos a Wittgenstein. 2ª ed. Rio de Janeiro: Zahar, 1998.
- PAVIANI, Jayme. **Problemas de filosofia da educação: o cultural, o político, o ético na escola.** 7ª ed. Caxias do Sul: EDUCS, 2005.
- PLACCO, Vera Maria Nigro de Souza. **Formação e prática do educador e do orientador.** Campinas, SP: Papirus, 1994.
- REALE, G. & ANTISERI, D. **História da filosofia.** São Paulo: Paulinas, 3º v.
- VALLS, Álvaro L. M. **O que é ética.** 9ª ed. São Paulo: Brasiliense, 2006.
- VAZ, Henrique C. de Lima. **Escritos de filosofia II: ética e cultura,** 4ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- \_\_\_\_\_. **Escritos de filosofia IV: Introdução à ética Filosófica 1.** 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2002.
- \_\_\_\_\_. **Escritos de filosofia V: Introdução à ética Filosófica 2.** 2ª ed. São Paulo: Loyola, 2004.
- VERGNIÈRES, Solange. **Ética e política em Aristóteles.** São Paulo: Paulus, 1998.